

AS SEQUÊNCIAS "LH" E "NH" EM PORTUGUÊS

Marinalva Freire da Silva

UFPb

1 – CONSIDERAÇÕES GERAIS

Várias têm sido as polêmicas relativas às seqüências "lh" e "nh" na língua portuguesa. Para uns estudiosos, elas representam fonemas; para outros, seqüências de fonemas.

Os gramáticos da língua portuguesa, na maioria, defendem que "lh" e "nh" são dígrafos, ou seja, dois grafemas representando um único fonema.

Segundo SAUSSURE (1973), fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da falada, das quais uma condiciona a outra.

Numa análise mais profunda, PAIS (1981) afirma que o fonema é a unidade distintiva, de segunda articulação, modelo mental, psicológico, abstrato, ao qual corresponde um conjunto de sons concretos da fala, suas realizações psicofísicas.

CÂMARA (1972), estudando o fonema na língua portuguesa, argumenta que "na passagem dos segmentos fônicos latinos -lia, -lie, -lio – para o português -lha, -lhe, -lho –, com o aparecimento de um novo fonema -[ly], molhado, escrito -lh-, houve desvios articulatórios paulatinos e meramente fonéticos. Em primeiro lugar, deu-se uma mudança de silabação, em que o [i] vocálico passou a assilábico, ou iod ([y]), ditongando-se com a vogal seguinte. Nessa fase, o [l] deve ter-se realizado levemente palatizado, valendo sempre, contudo, como dental, qual sucede atualmente entre nós em vocábulos do tipo CHILE. Era o caso típico de uma variação sincrônica, pois esse [l], levemente palatalizado diante de iod, não passava de uma VARIANTE POSICIONAL. A verdadeira mudança teve lugar numa terceira fase, quando a articulação do iod fundiu-

se na do [l], estabelecendo-se a articulação "molhada" da consoante. Com isso, desapareceu a posição especial que era determinada pela presença do [i] assilábico. Passou-se a ter um [ly] diante de qualquer vogal, exatamente como em contraste se tinha o [l] dental: **filha** ao lado de **fila**; **palha** ao lado de **pala**; **molha** ao lado de **mola**; **velha** ao lado de **vela**; **bulha** ao lado de **bula**, e assim por diante.

Nesse caso da fonética portuguesa, teve-se a passagem de uma variante posicional para fonema autônomo".

Assim, na concepção de CÂMARA (1977), houve uma combinação dura correspondente com [y], [L] e [lh] ou [n] e [nh] são fenômenos de palatalização.

PEREIRA (1926) defende que os diagramas "lh" e "nh" representam os fonemas consoantes linguais-palatais molhados para os quais não há letra especial no alfabeto, como se vê em **lhano**, **trabalho**, **alho**, **pilha**; **sonho**, **lenha**.

ALMEIDA (1965) analisa o dígrafo como insuficiência do alfabeto, a inexistência de uma letra para indicar o som.

"A combinação literal ou dígrafo "lh" corresponde, quanto ao som, ao duplo l ou l molhado do espanhol: **llorar**, **llano**, **molla**, **monilla**, palavras que em espanhol se pronunciam **lhorar**, **lhano**, **molha**, **monilha**.

O grupo lh não existe em latim. No mais das vezes, corresponde ao l latino que tenha por função evitar o hiato: **mulher de mulierem**, **folha de folia**, **milho de milium**.

Nossos caboclos abrandam o hiato de maneira diferente: **mui-é** por **mulher**, **mí-io** por **milho**, **fó-i-a** por **folha** à semelhança de **ill** francês; **bataille** (batá-ie), **batalha**; **billet** (bi-iê), **bilhete**, que nossos caboclos dizem **bi-iête**; **meilleur** (me-iêr), que nossos caboclos dizem **mi-ió**.

O dígrafo "lh" tem as vezes origem num duplo l latino ou num duplo l espanhol: **centelha** de **scintillan**; **vermelho** de **vermillum**; **embrulhar** do espanhol **embollar**.

Outras vezes resulta das combinações:

1) **bl**: **trilho** de **tribulum**, mediante queda do U postônico (U que vem depois da sílaba acentuada);

2) **cl**: **abelha** de **apiculam**; **governalho** de **gubernaculum**; **artelho** de **articulum**; **gralha** de **graculum**; **joelho** (antigamente **geolho**) de **geniculum**;

3) **dl**: **ralhar** de **radulare** (= raspar);

4) **gl**: **telha** de **tegulam**;

5) **pl**: **escolha** de **supulam** (= vassourinha);

6) **tl**: **rolha** de **rotulam** (= rodilha).

Não havendo em português letra especial que representasse o som contínuo lingual molhado, criou-se o grupo "lh". Mas há vezes, e isso é de importância observar, em que o grupo lateral "lh" não representa som molhado; tal acontece em palavras compostas em que o l é letra final do primeiro componente, e o h, letra inicial do segundo; por isso é que filharmônico se deve pronunciar **fi-LAR-mônico** (de **fil+harmônico**), **gentilhomen** se pronunciar **gen-TIL-homen** (de **gentil+homen**).

A ortografia em vigor eliminou essa dificuldade ou suprimindo o h ou separando os elementos por hífen." A título de exemplo, pode-se citar: **anti-humano**, **desumano**, **lobisomen**, **desonra**, **reaver**.

NH é outro dígrafo inexistente em latim; se o "lh" corresponde ao l que tenha por função evitar hiato, o "nh" corresponde ao n de idêntica finalidade. Assim, de **seniorem** tivemos **senhor**; de **teneo**, **tenho**; de **venio**, **venho**.

O "nh" pode ainda ter origem:

1) num duplo n: **grunhir** de **grunnire**;

2) num duplo d: **ninho** de **niddum**;

3) na combinação gn: **cunhado** de **cognatum** (= da mesma origem); **linha** de **lignum**.

Da mesma maneira que o "lh", o "nh" nem sempre representa som molhado, por pertencer o n ao primeiro elemento do composto e o h ao segundo: **inhábil** pronuncia-se **i-NÁ-bil**, visto pertencer o n ao prefixo **in** e o h ao adjetivo **hábil**. Pela mesma razão **anhelo**, **anhelar**, **inhalar**, **inherente**, **inhospito**, **inhumano** pronuncia-se **a-NE-lo**, **a-NE-lar**, **i-NA-lar**; **i-NE-rente**, **i-NÓS-pito**, **i-NU-mano**. Atualmente, o h medial foi abolido em todos esses casos".

GUERIOS (1942) comenta que os sons molhados [lh] e [nh] eram representados, no português arcaico, respectivamente, por , <l>, <ll>, <ni>, <nh>: **filia**, **molier**, **coleita**, **coller**; **tenio**, **conocença**, sendo adotado, mais tarde, "lh", "nh" tidos por provençais.

Assim, essa estudiosa classifica [lh], [nh]:

a) segundo a presença ou ausência de vibrações da glote: fonemas sonoros brandos;

b) pelo modo como se faz a abertura do canal bucal: fonemas contínuo ou durativo líquido [lh] e fonema momentâneo ou oclusivo explosivo nasal [nh];

c) conforme o ponto de articulação: fonemas palatais ou línguo-palatais.

CRUZ (1955) defende a tese de que os dígrafos <lh> e <nh> são elementos representativos de (a) fonemas consoantes linguais-palatais molhados; (b) e consoantes contínuas líquidas.

CUNHA (1985) conceitua dígrafo como um grupo de letras que simbolizam um som, como é o caso de <ch>, que simboliza a consoante palata [s] também representada por <x>: ficha (compare-se com lixa); <lh> e <nh>, únicas formas de representar na língua a lateral [lh] e a nasal palatal [nh]: **velho, tenho**.

O posicionamento de ALMEIDA (1965) é diacrônico, pois ele busca a etimologia para explicar as seqüências "lh" e "nh".

CRUZ (1981) chama de dígrafo as seqüências "lh" e "nh". BECHARA (1970), GUERIOS (1942) e JOTA (1980) apresentam posicionamentos semelhantes.

JAKOBSON (1967) argumenta ser difícil encontrar no estudo dos sons vocais, ou mesmo na teoria da linguagem das últimas décadas, um conceito sobre que se tenha mais discutido do que fonema. Eles não têm significação própria, e a distinção acústica entre eles é não raro tão ligeira e sutil, que a sua apreensão pelo aparelho sensorial assume o aspecto de uma tarefa momentosa.

Prossequindo, esse estudioso fala que, no sistema francês de consoantes, os limites entre a variante contextual palatal e a velar parece vacilar: [ɲ] ocorre como substituto opcional de [ny]. Assim, na classe das nasais, a qualidade difusa do [n] agudo está em oposição à qualidade compacta do [ny].

MATEUS et alii (1983) defende que os fonemas são elementos do sistema fonológico que representam variações fonéticas. Elas argumentam que os níveis fonológico e fonético de uma língua estão relacionados por regras que alteram os segmentos subjacentes, embora possam suprimi-los ou inserir outros, o que leva os elementos do nível fonológico a não terem correspondência biu-

nívoca com os elementos do nível fonológico da língua. Estas estudiosas tratam dos processos fonológicos que caracterizam a estrutura da língua, e dos processos fonéticos que freqüentemente são uma extensão da aplicação de certas regras fonológicas, se bem que de natureza diversa.

Quanto aos processos fonológicos do português, elas exemplificam a atuação, a nível fonético, dos processos de **assimilação**, de **reestruturação da sílaba** e de **reforço e redução de vogais**, levando-se em consideração os diferentes registros de língua. Processos idênticos de assimilação atuaram diacronicamente, por exemplo, muliere > mulher (a consoante passa a palatal, [+alt], por influência do traço [+alt] da vogal i, que posteriormente é suprimida); mirabilia > maravilha (a vogal torna-se igual à vogal da sílaba seguinte); **reforço e redução de vogais**: oclu > olho (a vogal U, átona, é suprimida).

Assim, as seqüências "lh" e "nh" apresentam dificuldade de classificação na língua. Surge um problema:

— Como conciliar a palatalização com a divisão tripartida pelo ponto articulatório, ou seja, a consoante palatalizada deve ser classificada como anterior ou posterior?

Se considerarmos o posicionamento de JAKOBSON (1967) de que a coarticulação palatal cria um impedimento à entrada da câmara de ressonância bucal para todas as consoantes posteriores ao contrário das anteriores, em que se dá na saída da boca, classificamos {-lh} e {-nh} como línguo-posteriores ou póstero-linguais, apesar de ser a obstrução mais à frente da boca do que, a rigor, no fundo.

Assim, o contraste criado pela palatalização enquadra-se no contraste geral comum a todas as categorias de consoantes portuguesas, entre ântero-linguais, para maior vantagem de simetria do sistema consonântico. Daí, na passagem dos segmentos fônicos latinos: [lia], [lie], [lio] — para o português — [lha], [lhe], [lhi]; com o aparecimento de um novo fonema {-ly} molhado, escrito <lh> houve desvios articulatórios paulatinos e meramente fonéticos. Em primeiro lugar deu-se uma mudança de silabação, em que o [i] vocálico passou a assilábico, ou iod ([y]) ditongando-se com a vogal seguinte.

Para as consoantes em cuja articulação a língua é o órgão ativo, há possibilidade de uma articulação com relaxamento do músculo da língua e deslocamento da parte média do seu dorso de encontro ao palato duro, imprimindo à consoante um efeito acústico característico, conhecido pelo nome de molhamento, chamado de "amolecimento" pelos antigos gramáticos franceses.

O [lh] e o [nh], raríssimos em posição inicial, encontrados apenas em empréstimos: *lhama*, em confronto com *lama*, *nhata* em confronto com *nata*; são as chamadas consoantes molhadas pela fonética tradicional (fr. mouillées).

O fenômeno do "molhamento" é o que Bloomfield considera uma "modificação dura" e Trubetzkoy, "um trabalho (articulatório) complementar", isto porque, ao lado da articulação básica da consoante, outra se estabelece, dando-lhe uma tonalidade diferente. Trata-se, a rigor, de uma iodização, todavia, deve-se considerá-la uma consoante simples devido à possibilidade de contrastes com *olhos* – *óleos*, *venha* – *venya*. É oportuno salientar que faz parte da variedade relaxada a neutralização do [l] ↔ [lh] e [n] e [nh] diante de [i] com a realização, apenas, do primeiro membro ([folinha], [companhia]), ou diante de [y] a anulação da distinção [nh] – [ny] como nos casos de [venha] – [venya] ou de [olhus] – [olyus].

Baseado na teoria estruturalista, o prof. JOSÉ BORGES NETO (UCP/PR)* vê que as seqüências "lh" e "nh" criam problemas:

1º) são fonemas porque constituem par mínimo: [mola] [molha], [vela] [velha];

2º) são fonemas pelo fato de todas as consoantes admitirem a seqüência de uma semivogal ([y]), com exceção de [lh] e [nh] que já contêm uma semivogal [lY] e [nY], o que impede a existência de uma outra.

Teoricamente, prefere-se considerar [lh] e [nh] como fonemas porque a economia é um dos princípios da Lingüística; por

* Apontamentos em sala de aula. Disciplina "Intr. à Gramática Gerativa". Curso de Mestrado, Universidade Católica do Paraná/Curitiba, 1980.

outro lado, acha-se desvantagem pelo fato de que a descrição fonológica se distancia ainda mais da descrição fonética.

MERCER (1974), num inventário dialetológico realizado em Imperatriz, no Maranhã, constatou – como fato fonológico mais expressivo entre os informantes menores de vinte anos – a ausência de lateral e nasal frontais, que se substituem por [l] e [n] apicais, seguidos de [y]. Assim, *palha* e *castanha* não se pronunciam [palhA], [kAS'tanhA], mas [palha], [castanha], de sorte que *galha* e *Gália*, *sonha* e *Sônia* soam da mesma forma. Prosseguindo, chama a atenção para a nasal e lateral que não se articulam estreitamente com a semivogal, sendo bastante perceptível a seqüência de dois fones em [nY] e [lY].

"Tal descoberta, porém, não causou maior surpresa, visto que algum tempo antes os colegas do Grupo Construtural de Curitiba já haviam manifestado a sua dúvida quanto ao estatuto fonêmico de [L] e [N]. Pareceu-lhes significativo o fato de esses fones serem as únicas consoantes do Português que jamais se seguem de [y]; e mais que isso, não apresentam maior rendimento informacional, já que sua oposição com [lY] e [nY], por exemplo, reduz-se a pouquíssimos pares, em que um dos elementos é sempre estrangeirismo ou forma erudita, como *Gália* (x *galha*), *Ilia* (x *ilha*), *tênia* (x *tenha*), *Sônia* (x *sonha*), que não consultam o gênio da língua. Apoiados nessas razões de ordem teórica, dispunham-se a tomar [L] e [N] como ocorrências de íntima articulação entre [l] e [y], [n] e [y], destituindo-os de maior diferenciação fonética e de independência fonêmica. Em suma, a língua portuguesa bem poderia passar sem [L] e [N]."

Conforme MERCER (1974), "pode-se questionar a natureza fonética da lateral e nasal frontais entre os falantes que ainda as empregam. (Trata-se de [lY], [nY] ou [y]?? Ou simples [nY]??) Um ponto, porém, já parece pacífico: não constituem unidades fonêmicas independentes", o que significa dizer que [lh], [nh] são realizações monofônicas de uma seqüência de dois fonemas. Esse posicionamento contraria o de CÂMARA.

PONTES (1973), classificando as consoantes conforme o modo de articulação, elimina do quadro dos fonemas as palatais lateral [nh] e nasal [nh], "visando à simplicidade e à economia do sistema. A primeira (foneticamente [lY], lateral álveo-palatal), interpretamos como seqüência [lY], de acordo com o padrão comum

na língua, isto é, consoante seguida de semivogal, em vista de não existir, na língua coloquial, o contraste que a escrita sugere, do tipo *óleo* — *olho*, que se pronunciam da mesma maneira: [ólyu]. A segunda, foneticamente [ỹ] nasal álveo-palatal, provocado seu concondicionamento, considerando-se alofone de [y]''.

Partindo do fato de que cada língua tem seu alfabeto, sendo as letras uma representação gráfica convencional dos sons, por exemplo, o alfabeto espanhol, que incorpora a representação dos sons em questão no próprio alfabeto (l, ll, n, ñ), o que não ocorre com a nossa língua, o (lh) e (nh) são considerados dígrafos porque estas duas consoantes se fundem num único som (fonema).

Quanto à polêmica levantada pelos estudiosos, tentou-se apenas esclarecer o leitor sobre a complexidade do problema, ao mesmo tempo que se ofereceu contribuição para estudos futuros e possível solução para o caso das seqüências (lh) e (nh) na língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 19.ed., São Paulo, Saraiva, 1965, p.48-51.
- 2 — BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 17.ed. São Paulo, Editora Nacional, 1970, p.44-5.
- 3 — CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. 1972.
- 4 — —. Os fonemas em português. In: —. *Para o estudo da fonêmica*. 2.ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977, p.43-83.
- 5 — CRUZ, José Marques da. *Português prático*. Gramática. 25.ed. Rio de Janeiro, Melhoramentos, 1955, p.47-9.
- 6 — CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luís Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p.52.
- 7 — GUERIOS, Rosário Farani Mansur. *Pontos de gramática histórica*. 2.ed. São Paulo, Editora Nacional, 1942, p.36.
- 8 — JAKOBSON, Roman. *Fonema e fonologia*. *Ensaio*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967, p.39, 60-1 (Tradução e notas com estudo sobre o autor por J. Mattoso Câmara).
- 9 — JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. 2.ed. Rio de Janeiro, INL/MEC/Presença, 1981, p.106.
- 10 — MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição de estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra, Almedina, 1983, p.537-9.

- 11 — MERCER, José Luiz. Notas sobre o falar de imperatriz. *Construtora; Revista de Lingüística, Língua e Literatura*. Curitiba, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná, 2(4):264, dez, 1947.
- 12 — PAIS, Cidmar Teodoro. *Introdução à fonologia*. São Paulo, Global, 1981, p.28.
- 13 — PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 113.ed. São Paulo, Editora Nacional, 1926, p.36.
- 14 — PONTES, Maria Eunice. *Estrutura do português coloquial*. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1973, p.16.
- 15 — SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 5.ed. São Paulo, Cultrix, 1973, p.51 (Tradução de Antônio Chelini et alii).